

BRASIL-PORTUGAL

16 DE AGOSTO DE 1899

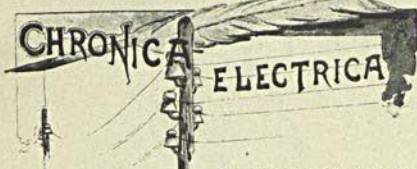
O Bispo do Porto



Gravé de A. J. Costa

D. ANTONIO JOSÉ DE SOUSA BARROSO

O bispo do Porto



Não ha muito ainda que o governo francez, o unico que tem no decurso dos ultimos tempos, apaixouado a humanidade, que tem feito vibrar todos os corações e estremecer todas as consciencias!

E contudo n'este momento do seculo agonizante, viva, palpitante, actual, parece que não ha no mundo inteiro senão: «a questão Dreyfus.»

Todos os olhos se voltam para o modesto tribunal d'essa pequena cidade franceza, todas as attentões se desviam de todos os assumptos para se fixarem n'esse assumpto supremo, dir-se-iam suspensas as respirações, abortos os espiritos, até o momento do desenlace, até á scena final d'essa tragedia que tem levado tres annos a desenrolar-se n'um crescendo de interesse e de asombro, tragedia de sentimento, drama lacinante, o unico que tem no decurso dos ultimos tempos, apaixouado a humanidade, que tem feito vibrar todos os corações e estremecer todas as consciencias!

E' que se tinham redondamente enganado os que imaginaram extintas as epocas do martyrologio. E' que no fim de um seculo chamado de civilização e de progresso, os mais descrentes e os mais cynicos tiveram de ver derribada e vencida a sua indifferença aos pés de um homem que soffrera todas as humilhações, padecera todas as inclemencias, affrontára todos os ultrajes, vencera todas as torturas, para expiar um crime praticado por outros, e que atravez dos maiores supplicios moraes mantivera sempre alto o coração, dominante o cerebro, resistente e invencível o raciocinio.

Dreyfus é a prova mais eloquente e poderosa da força e da grandeza de um ideal: a honra. Exautoraram-no porque o consideraram deshonrado, e elle não succumbiu a provas tão cruéis porque não perdeu a confiança em que lhe havia de ser restituído um dia esse thesouro que lhe roubavam, esse patrimonio do seu caracter, que era a força e a razão de ser da sua individualidade.

Spiritus corda, devia ter sido a sua divisa, coração ao alto, consciencia firme, confiança absoluta na Eterna Justiça e na Eterna Verdade. Os seus filhos haviam de pedir um dia á sua memoria ultrajada a razão de ser de ter da infamia: deixar-lhes por herança um nome deshonrado! E não podia ser, e não havia de ser! Era preciso que visse, agarrado ao seu ideal como é sua salvação, era mister que soffresse resignado as injurias mais aviltantes e os mais atrozes sofrimentos, era forçoso que um dia fosse publica e proclamada a sua innocencia. Era uma raça perseguida que imperiosamente lh'o ordenava para a não manchar esse labero, era uma religião de que elle era um velho crente, era a honra militar que nunca aviltara, era o amor heroico de uma esposa, que na treva do seu supplicio quizeram apresentar como adúltera, era o entranhado affecto pelos filhos ausentes, summa, o seu brio de homem, a Honra, a sua força, o seu ideal. Eram todas estas forças, todos estes deveres que o prendiam á vida, que lhe robusteciam o animo, que lhe illuminavam o cerebro, que lhe acendiam a consciencia.

E do tenebroso desterro da Ilha do Diabo sahio uma luz tão intensa que a consciencia da Humanidade parecia guiar-se por ella, como se os sentimentos que se debatiam no coração d'esse martyr fossem os mesmos que faziam sangrar de enternecimento e de piedade todo o Coração humano!



E' por isso que n'um anseio de luz e de justiça se voltam hoje todas as consciencias para o tribunal de Rennes. E quando ámanhã o verdictum dos juizes declarar o accusado de alta traição absolvido de toda a culpa, o coração e o espirito de cada um de nós, que tem seguido o desdobramento d'este drama angustioso, como que deverá sentir-se aliviado de um peso oppressor, suffocante... E com a devida resposta, que nunca virá, limitar-nos-hemos a uma pergunta: Restituído a Dreyfus a honra, como ha-de a sociedade resgatar o seu crime, como ha-de restituír ao martyr tudo o mais que lhe roubou?



Uma das nossas paginas é hoje consagrada a Dreyfus. Acompanham o seu retrato os d'aquelles que em mais cerrada campanha combateram pela revisão do processo.

Venceram. E' grande a gloria que lhes cabe n'este acto de reivindicación social.

Como Cyreneus que ajudaram este supplicado a levar a Cruz, porque era tambem judeu aquelle que ha dois mil annos arrastou a sua pelas ruas da cidade biblica, ficarão para todo o sempre gloriosamente gravados junto do nome d'elle os nomes illustres de Kestner, de Zola, de Picquart, de Démange e de Labori.

É o actual bispo do Porto, D. Antonio José de Sousa Barroso, uma das individualidades mais respeitaveis, mais dignas e mais admiraveis do Clero Portuguez.

A sua vida tem sido uma vida de trabalho insano, de dedicação intelligente para o bem da sua Patria e da sua Religião.

Sahido d'uma familia humilde dos arredores de Barcellos, tendo-se notabilisado entre os seus condiscipulos no Seminario, chegou á alta posição que hoje occupa em Portugal, pelos serviços valiosos que em Africa prestou, quando simples missionario, e mais tarde como prelado de Moçambique, e pelo modo brilhante como sempre tratou de todos os assumptos que se ligavam com a sua missão.

Vendo-se forçado pelo estado precario da sua saude, — profundamente abalada pela estada em climas deleterios e pelas fadigas dos seus trabalhos, — a regressar a metropole, continuou aqui pela palavra a santa propaganda que em Africa iniciára pelo facto.

Quando o cardeal D. Americo falleceu, indigitaram-se para o substituir varios prelados dos mais illustres do nosso paiz, mas a figura altamente sympathica e intelligente do prelado de Moçambique impunha-se a todos os espiritos, e o ministro que referendou a sua nomeação, fel-o tendo a certeza de que todos applaudiriam a sua escolha.

O modo como a população do Porto recebeu a nomeação do novo prelado da sua diocese, mostra-o a recepção entusiastica, a manifestação brilhantissima que lhe fez á sua chegada aquella cidade.

Raras vezes se tem feito em Portugal manifestações mais significativas na sua impopularidade, do que a feita agora a D. Antonio Barroso.

Tudo quanto a cidade invicta conta de notavel na Burocracia, na Arte, na Industria, nas Finanças, no Commercio, tudo se apresentou na estação da Campanhã a dar as boas vindas ao prelado illustre que fóra chamado a dirigir a diocese.

Cá fóra, pelas ruas, a multidão apinhava-se respeitosa para saudar essa interessante figura do prelado, que, depois de ter gasto o melhor da sua vida na propaganda da fé em inhospitos climas, ia para a cidade da Virgem dirigir os espiritos religiosos dos seus habitantes.

Pelas gravuras que publicamos na pagina 5, poderão os nossos leitores fazer uma ideia da impopularidade da recepção, na estação de Campanhã, e do cortejo que acompanhou o Bispo á Igreja de Santo Ildefonso, onde elle se foi paramentar.

Na pagina 4 damos nós algumas photographias do illustre bispo de Porto, quando prelado de Moçambique.

D. Antonio Barroso acompanhado pelos missionarios Frei José da Cruz e padre Candido de Sousa, Henrique de Lima, official maior da Secretaria Geral, e o negociante Candido da Costa Soares, — sahio de Moçambique em direcção á região da Matibania, para estabelecer uma missão na Montanha da Meza, proximo á povoação do Mino, continente Fronteira, e para alcançar que o regulo d'aquella região, que sempre se recusára a prestar homenagem na sede do governo, o fizesse acompanhando-o no seu regresso a capital da Provincia, o que conseguiu com grande difficuldade.

N'uma das nossas gravuras podem os nossos leitores ver o illustre prelado em meio dos habitantes do Mino, tendo á sua esquerda o regulo de Matibania.

N'outra veem-se agrupados o sr. Henrique de Lima, que o acompanhava como profundo conhecedor da região que muitas vezes percorrera, o prelado de Moçambique, os dois missionarios a que nos referimos, e o negociante Candido Soares, cuja influencia sobre os habitantes d'aquellas regiões, foi de grande auxilio para o bom exito da missão.

O Instituto Leão XIII, cuja gravura tambem publicamos, é um estabelecimento de caridade fundado em 1895 pelo actual bispo do Porto, e destinado á educação gratuita das creanças do sexo feminino, filhas das populações indigenas da provincia.

"CANTIGA"

Poesia de: Affonso Lopes Vieira

Musica de: Oscar da Silva

CANTO

PIANO

Devoagar

mf *dim.*

Por ti per-di o so-cê.....go E di-zes pr'a te dei xar! Dize ás a-gãos do Mon-

de.....go Que não cor-ram para o mar, Que não cor-ram para o mar.

retardando *p*

Pou.....co tempo dura a ro.....sa, Pou-co dura o bem me-quer. Quem nas-ceu des-for-tu-

com charme *pp* *mf* *retardando* *atrazando*

.....no.....sa Sem for-tuna ha-de vi-ver.

como canto *p* *dim.*

Vou-me em-bo-ra com tris-te.....za; Com tris-te.....za sempre vou: Que nin-guem toma cer-te.....za De

pp *p* *retardando*

vol-tar ao que dei-xou, De vol-tar ao que dei-xou.

ret. *dim. e ret.*

© Ilustração p.

O BISPO DO PORTO

NO PORTO

EM AFRICA



Missa campal.—O Bispo oficiando



O bispo na Mathania



Instituto Leão XIII, fundado por D. Antonio Barroso



A missão na Mathania e o regulo



Cidade de A. Barros (Porto)
O desfilio do cortejo na rua de Santo Antonio



Cidade de A. Barros

A saída de Santo Idefonso



Cidade de Barros Pae do Bispo (Porto)
Egreja de Santo Idefonso, antes de chegar o cortejo



Sé do Porto, e paço do Bispo



Cidade de S. P. do Bispo
Formação do cortejo em Campanhã, a carruagem do Bispo

ORIENTAES

(INEDITOS)

I MOUMÉ

Lotus dourado, lotus magestoso,
fulvo nelumbo nipponnez! Floresce
na seda do teu rosto carinhoso
um doce aroma virginal de mêsse!

Esse olhar expressivo e luminoso
faz pensar na pureza de uma prece
finamente sentida! ha n'elle um gozo
que lembra o bello-japonez, e aquece...

O' Ly formosa, lubrica, dormente!
O' rosa de ambar caprichosamente
aberta para as almas soberanas!

Na seda cor de mate do teu rosto
vejo brilhando em lucido composto,
laccas, marfins, charões e porcellanas!



DOMINGOS MAGARINOS

II BAYADÈRA

Corpo moldado pelos corpos bellos
de emocionante formosura cheios,
olhos negros e negros os cabelos
do turbante fugindo, aos bambuleios...

Aos applausos e aos sons dos ritornellos,
requebrando-se em lubricos volteios,
excita o goso e evoca dos modelos
a correcção dos braços e dos seios.

Vibram pandeiros e tantans! Entrando
das bailladeiras no festivo bando
desfolha no ar uma canção sonora;

mas, entretanto, seu semblante é triste!
tristes seus olhos!—Ella não resiste
aos olhos negros do rajah de Elóra!

Fidatça

Negro chapéu de um apurado gosto,
corpo enluvado n'um vestido claro,
passa; e tão bella que passando é raro,
que alguém não saia para ver lhe o rosto.

Entanto ao vel-a, em seu olhar deparo
não sei que magoa, tão atroz desgosto,
que sinto vir d'esse esplendor supposto
todas as queixas de um destino avaro.

Outros talvez, nada percebam, nada
talvez descubram n'essa requintada
belleza nobre, aristocrata e calma;

e cegos, cegos de deslumbramento,
não saibam mesmo como experimento
esse pesar que lhe adivinho n'alma.



Vethas arvores

Velhos gigantes de longos braços,
arvores velhas que o tempo ergueu,
porque voltai-vos para os espaços
n'essa impotencia de Prometheu?

Porque das serras nos espinhaços,
quasi tocando no azul do ceu,
ergueis ás nuvens os longos braços,
arvores velhas que o tempo ergueu?

Que desespero, que eterna lucta,
quanta blasphemia n'essa attitude,
ó velhos deuses de barba hirsuta!

Recordo, ao ver-vos n'essa anciedade,
faunos em plena decrepitude
chorando os louros da mocidade.

DOMINGOS MAGARINOS

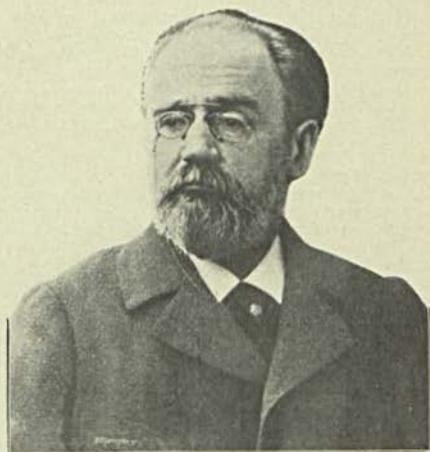
(Pernambuco)

QUESTÃO DREYFUS

(Vide Chronica Eléctrica)



Dreyfus, pouco depois de chegar a Rennes
(Croquis do natural, expressamente feito por A. Roland)



Emílio Zola



Coronel Picquart



Scheurer-Kestner



Advogado Demange



Advogado Labori

O Theatro moderno dos scandinavos

III

OUTRAS setas aguçou a Dinamarca para repelli o jugo estrangeiro, e encontrou em Ludvig Holberg quem as dardejasse com mão firme e certa. As comédias juvenis do Molière do Norte, escriptas em linguagem pura, criticando vícios e fraquezas dos de casa, verberando os abusos d'estes e dos estrangeiros, calaram mais fundo no animo do publico que as invectivas acerbas e os protestos retumbantes vociferados por outros com sobrecenho. Demonstrou-se mais uma vez a verdade d'aquelle aphorismo de Honoré de Balzac: *La puissance ne consiste pas à frapper fort ou souvent, mais à frapper juste.*

Não será, talvez, exagero o affirmar que antes de Holberg não existia theatro nacional na Dinamarca.

O primeiro, que merecesse tal nome, ainda foi inaugurado em 1722, com uma comedia de Molière, (1) conquanto passados dias, apresentasse ao publico o *Politiske Kandestober* (2) de Holberg.

Esta comedia que, apesar dos seus 177 annos, dir-se-ia escripta para as circumstancias actuaes, critica os operarios com pretensões a politicos, descurando o seu officio para se entregarem a discussões de intrincados problemas governativos querendo pôr e dispor em assumptos que lhes são alheios. No *Jeppe paa Bierget*, entre ditos de fino espirito e situações comicas, advoga a causa dos pobres camponeses, atrahindo as attentões para a existencia attribulada que arrastavam n'aquella epocha. A jactancia balofa do exercito, o pedantismo universitario, as falsas ostentações, a moda, então dominante na capital, de macaquear os francezes até na conversação, (3) e quantas baldas e pechãs ridiculas se lhe depararam nas diversas esferas sociaes, taes foram os alvos visados pela satyra mordente do fecundo mestre. As comédias de Holberg dispensam outros documentos para a historia da sociedade dinamarqueza em fins do seculo xvii até meado do seculo xviii. E' um titulo de gloria bastante para as incluir entre o numero d'esses monumentos que assistem ao decorrer dos seculos, do alto do seu pedestal, impondo-se a todas as gerações.

J. C. Ewald, — a quem a maioria dos criticos scandinavos concede a palma na poesia lyrica, — completou, quanto coube em suas forças, a obra de Holberg cultivando o drama e a tragedia; partiu, porém, de Adam G. Oehlenschläger o novo e poderoso impulso que elevou a litteratura dramatica da Dinamarca, na primeira metade do seculo xix, ao alto nivel marcado por Holberg no seculo anterior.

Filiando-se na escola romantica allemã, cujos iniciadores conheceu de perto na viagem subsidiada pelo governo, em que visitou a Suissa, Alemanha, Italia e França, Oehlenschläger dedicou-se com empenho ao idioma de seus mestres; o *Correggio* e outros dramas seus, foram originalmente compostos em allemão. Na ultima quadra da vida, alem das comédias de Holberg e das tragedias de Bernhard v. Beskow, trasladou para a mesma lingua a maior parte dos seus escriptos, grangeando tambem um logar d'honra na historia litteraria da Alemanha. R. Gottschald que, por estrangeiro, não pôde ser suspeitado de ter o patriotismo a torcer o fiel da balança, refere-se ás tragedias historicas do auctor dinamarquez, n'estes termos: *In Bezug auf künstlerische Composition, verdienen diese Tragödien ohne Frage den Vorzug vor denen Schiller's und Goethe's* (4).

Tão rasgado encomio na bocca de um critico e poeta notavel, não hesitando em conceder á obra d'um estrangeiro, virtudes que nega aos seus compatriotas, embora se chamem Schiller e Goethe, alem de glorioso para o preferido, attesta brilhantemente quanto é, e deve ser venerada a religião do entendimento n'um paiz que aspira ao primeiro posto no commando da civilização.

Quando Oehlenschläger deu a publico as primicias da sua musa dramatica, figuravam em primeiro plano, no repertorio do theatro dinamarquez, nomes allemães e inglezes: Kotzebue, Iffland, Jünger, Schröder, Schiller, Sheridan, Goldsmith. Dos nacionaes, em plano inferior, destacavam-se: Sonder, P. A. Heiberg, Ole J. Samsøe, e Enevold Falsen,

natural de Kopenhagen, mas escrevendo para o theatro norueguez, onde era tambem o auctor favorito em principios do seculo xix.

Citar aquelles escriptores, é aquilatar o valor do joven dramaturgo que levou a cabo hombrear com elles e, mais tarde, sobrepual-os.

As tragedias de Oehlenschläger sobrelevam todas as produções congeneres dos seus contemporaneos, tanto na exuberancia das bellezas poeticas como na transparencia do entenho, profundeza dos conceitos, e elevação dos pensamentos.

Os defeitos censurados por Baggesen na celebre polemica entre estes dois escriptores, são defeitos nacionaes, se assim podemos dizer: *«N'um dado genero de composição litteraria, — observa G. Brandes, (actualmente o primeiro critico da Dinamarca, se o não é da Europa inteira), confrontando o romantismo do seu paiz com o allemão: — a Alemanha ostenta mais vida; a Dinamarca mais arte»* (5).

D'entre as principaes tragedias de Oehlenschläger destacam-se os que apresentam em scena o paganismo e o christianismo nas luctas dos seculos heroicos do Norte scandinavo: *Hakon Jarl, Tordenskjold, Stärkødder, Palnatokke* (o Guilherme Tell da Dinamarca), *Carlos Magno, Oluf o Santo*. Em *Axel og Valborg*, architectada com todo o rigor das tres unidades de Aristoteles, encontramos um *Romeo e uma Julietta*, victimas do feudalismo. *Hamlet*, o principe lendario da Dinamarca, é tambem protagonista de uma tragedia com aquelle titulo; ao contrario, porém, de Shakespeare, seguiu passo a passo a chronica de Saxo Grammaticus. Talvez essa preoccupação ladeada pela sombra temerosa da obra genial do *Sweet Swan of Avon*, o *Amlæth* do auctor dinamarquez.

Aladdin eller den forunderlige Lampe, (6) conto phantastico das *Mil e uma Noites* dramatisado magistralmente, *Correggio*, de que acima fallamos, *Hagbarth og Signe, Våringerne i Mikhagaard, Erik og Abel*, e muitas outras, que seria longo enumerar, encerram primores de linguagem e effusões de inspiração raras de encontrar tão abundantemente.

Oehlenschläger compareceu nas reuniões dos homens de letras mais distinctos d'aquella epocha, convocados por Madame de Staël na sua vivenda de Coppet. Esta mulher excepcional, referindo-se ao auctor de Hakon Jarl, observava com espirito e admiração: *c'est un arbre, sur lequel il croit des tragedies.*

Não se julgue, todavia, que a intensidade da produção lhe exgotasse a força das facultades. Na tragedia *Dina*, escripta aos 63 annos de idade, transluz, em cada pagina, a mesma amenidade fresca e juvenil do *Aladdin* ou de *Axel og Valborg*.

A Dinamarca deve, por certo, farto quinhão da sua gloria litteraria á penna d'este dramaturgo. A sua estatua erguida ao lado da de L. Holberg defrontando com o novo Theatro Nacional, completou a apothose em vida celebrada na cathedral de Kopenhagen, onde o cantor da Frithjofssage cingiu a frente de Oehlenschläger com uma coroa de louros, emquanto o rufar dos tambores e ás salvas de artilheria annunciavam até aos confins da capital a acclamação do *Rei dos Bardos do Norte*. A patria saldava a sua divida como lhe cumpria.

(Continua).

FREITAS BRANCO.

(1) *L'Avare*, traduzido em dinamarquez.

(2) *O caldeireiro politico.*

(3) Na graciosa comedia *Jean de France.*

(4) R. Gottschald. *Die deutsche Nationalliteratur des neunzehnten Jahrhunderts*, 4.ª Aufl. Bd. I, X. Kurz, na *Geschichte der deutschen Litteratur* Bd. III, não se afasta da opinião de Gottschald.

(5) G. Brandes. *Hovedstromminger idet 19 de aarhundredes litteratur*, Tomo II.

(6) *Aladdin ou a lampada maravilhosas.*



Guimarães



PRAÇA DO TOUREL



VIANNA DO CASTELLO



No Monte de Santa Luzia

Homenagem ao Sr. Conselheiro Elvino de Brito



O Conselheiro Elvino de Brito, actual ministro das Obras Publicas, é um dos vultos mais importantes do partido progressista, e chegou a alta posição, que hoje occupa na politica portugueza, pelo seu talento, pela sua dedicação partidaria e pelo seu trabalho incessante e valioso.

Como se desse o caso de, sendo o sr. Elvino de Brito, natural de Gôa, ser o primeiro dos seus patricios que chegara a uma tão alta posição social, quizeram os seus conterraneos fazer-lhe uma manifestação, que accentuasse quanto a India Portugueza se orgulhava de contar entre os seus filhos, quem taes honras alcançara e taes manifestações dera do seu valor.

Para isso formou-se em Lisboa uma commissão composta de cavalheiros naturaes da India Portugueza, com o fim de porem em pratica a homenagem a Elvino de Brito.

Resolveu essa commissão encarregar o sr. Ventura da Camara, discipulo predilecto de Simões de Almeida, de desenhar e gravar uma medalha para ser offerecida ao sr. Elvino de Brito.

Do modo brilhantissimo como o sr. Ventura

da Camara se desempenhou d'esta missão, podem os nossos leitores avaliar pelas gravuras que publicamos n'esta pagina.

A medalha foi entregue ao sr. Elvino de Brito, por uma numerosa commissão que o procurou em sua casa.

O sr. Visconde da Lançada pronunciou n'essa occasião um brilhante discurso, em que, enaltecendo os serviços prestados pelo Conselheiro Elvino de Brito, accentuou quanto elle honrava a sua terra e quanto valiosa era a sua obra como politico e como funcionario publico.

O sr. Elvino de Brito agradeceu muito impressionado a manifestação que os seus patricios lhe faziam, e disse algumas palavras sobre o que elle entendia dever ser a sua missão como estadista.

A medalha é cunhada em prata, e alem do seu valor artistico, tem um grande valor material.

Dizem-nos que brevemente chegarão da India Portugueza novas provas de quanto entusiasmo causou n'aquella possessão a noticia da elevação aos Conselhos da Corôa, do illustre ministro das Obras Publicas.



A VELHINHA



I

VELHA, tão velhinha, «encarquilhada e benta» tem a com-
postura de uma santa monja.

Branços os cabelos, ella toda branca, da brancura casta da
Innocencia em flôr.

Vejo-a sempre e sempre, olhos apagados, labios desbotados,
a sorrir bondosa, sempre casta, sempre immaculada e pura.

Fôra outr'ora moça, como toda a gente; fôra moça e bella.

Luzes de outros olhos foram pouco a pouco, demorada-
mente, dos seus grandes olhos apagando a luz; fementidos

beijos, juramentos falsos, preces murmuradas até amanhe-
cer, foram dos seus labios, frescos e purpuros, desbotando
a côr.

Após longos dias, longos e tristonhos, que passou sôsi-
nha, o Coração viuvo, veiu a Noite vindo, a pavorosa Noite

da Velhice fria. Tétrica inverno, pôr do Sol da Vida, neve,
todo neve, o Coração e a Alma.

Como as Illusões, idas uma a uma, dolorosamente, foi-se
um dente, outro, outro depois... e todos.

E uma ruga veiu, outra mais, mais outra...

II

E eil-a tão velhinha, «encarquilhada e benta», brancos os
cabellos, ella toda branca, da brancura casta da Innocencia
em flôr.

Vejo-a sempre e sempre, olhos apagados, labios desbo-
tados, a sorrir bondosa, sempre casta, sempre, immaculada
e pura.

Vendo-me tão moço, a contar-lhe historias, casos de ra-
pazes e de raparigas, cousas que vou lendo nos jornaes e

livros, brinca-lhe nos labios um sorriso dôce, fica-se a fi-
tar-me pensativamente, como se n'essa hora uma visão lon-
giqua, já apagada quasi, lhe acenasse, a rir.

III

Pallida velhinha, pobre flôr fanada, conta-me as Ventu-
ras dos teus dias idos.

Sou bondoso e forte, carinhoso e meigo, meigo, muito
meigo para com as velhinhas.

Vem pousar nas minhas essas tuas mãos esguias, e va-
mos juntos, juntos, como dois amigos, dar uma viagem pelo
teu Passado.

Vem, velhinha, vem...

Tens nos meus olhares o calôr, o fogo, que os teus olhos
querem; e na minh'alma tens, e tens no peito meu, todo o
Amor, a Creença, que tiveste outr'ora.

Vamos desfiando, juntamente, a rir, uma a uma, as con-
tas do rosario immenso das tuas Illusões.

Vem, velhinha, vem...

IV

Noite de verão, enluarada e calma. Sob o ceu radioso,
estrelleante e azul, vendo o mar que geme, que soluça e
arqueja, mãos entrelaçadas amorosamente, par enamorado
vae trilhando a praia.

Grandes olhos bellos como duas estrellas, porte airoso e
esbelto como o das palmeiras, ella vae seguindo esse man-
cebo guapo, que lhe vae enchendo de Illusões a Alma, que
lhe vae enchendo o Coração de Affectos.

Quantos sonhos roseos sob a luz da lua, quantos sonhos
roseos não sonharam juntos, n'essa noite bella, estrelleante
e calma!

Dizem-se palavras de Ternura extrema, dizem-se segre-
dos sussurrantes, dôces, como se temessem despertar as
furias do Oceano iroso, que espumava perto.

Grande Amor aquelle, immaculado e casto, grande, muito
grande, como o mar, immenso!

Param silenciosos sob o ceu radioso: — ella presa à voz
encantadora d'elle, julga ouvir ao longe um bandolim can-
tando; e elle, preso ao fogo dos olhares d'ella, pensa ir
acalmado o azul do Paraíso...

Como são crianças todos os amantes!

Como a flôr mimosa, que o nordeste inclina, ella vae pen-
dendo a sonhadora fronte sobre o largo peito do feliz man-
cebo...

Brilham mais os astros nas azues alturas; mais o mar
soluça, se encapella e grita; bocas se approximam desejo-
mente; ouve-se a sonata do primeiro beijo...

...Basta, basta, basta, pobre flôr fanada!

Que Saudade immensa e que Recordações!...

V

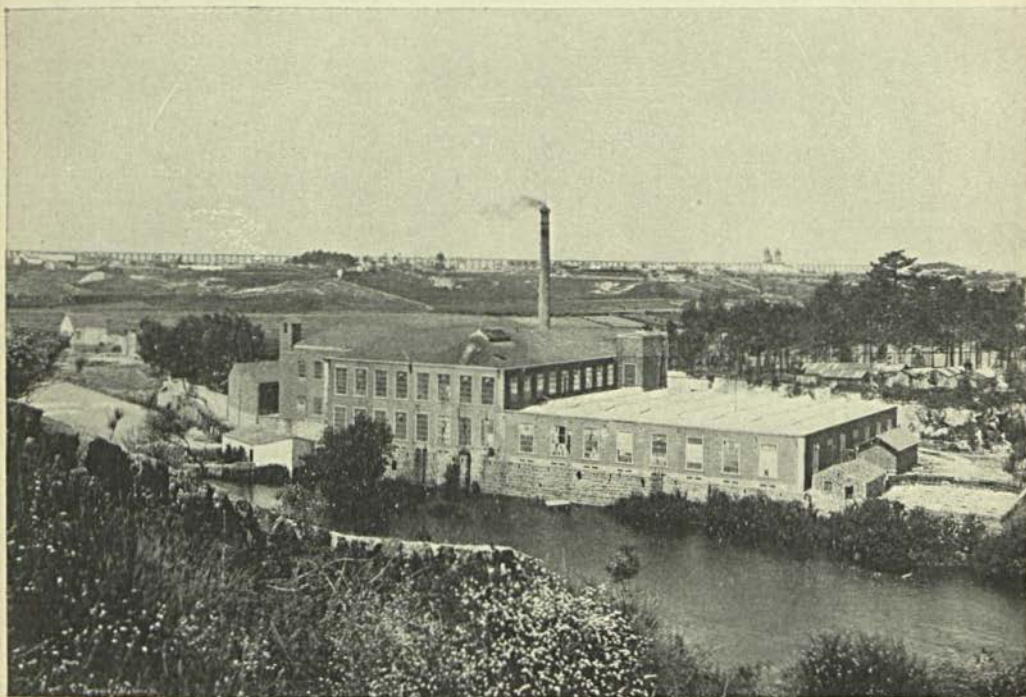
Quando a Noite desce, silenciosa e triste, beijo-lhe os
cabellos respeitadamente, e fico a recordar-me — oh, que
Saudade extrema! — da avósinha morta que me embalou o
berço, d'ess'outra velhinha «encarquilhada e benta», branca,
toda branca, da brancura casta da Innocencia em flôr.

PARÁ

Olavo Nunes.



Companhia do Rio Ave



Vista geral da fabrica

FABRICA DO RIO AVE

VILLA DO CONDE é uma pittoresca povoação do districto do Porto situada na margem direita do rio Ave, a cerca de 800 metros da barra.

Tem grande facilidade de communicações com todos os pontos do paiz, pelas linhas ferreas da Povoia de Varzím, que entronca em Famalição com a linha ferrea do Minho.

Pela barra do Ave tem communicação com o Oceano, podendo e devendo vir a ter um grande movimento de embarque e desembarque de mercadorias.

Seguindo a margem direita do Ave, cerca d'um kilometro, acima de Villa do Conde, n'uns extensos terrenos, estão situados os edificios e dependencias da fabrica de fição e tecelagem da *Companhia do Rio Ave*, uma das mais importantes do norte do paiz, e que tem tomado um grande desenvolvimento n'estes ultimos annos.

A *Companhia do Rio Ave* foi fundada em 1888 sob a firma de sociedade anonyma de responsabilidade limitada, com o capital de 200:000.\$000 réis em acções.

A fabrica occupa os vastos terrenos que pertenceram á extincta *Companhia Industrial e Agricola Portuense*.

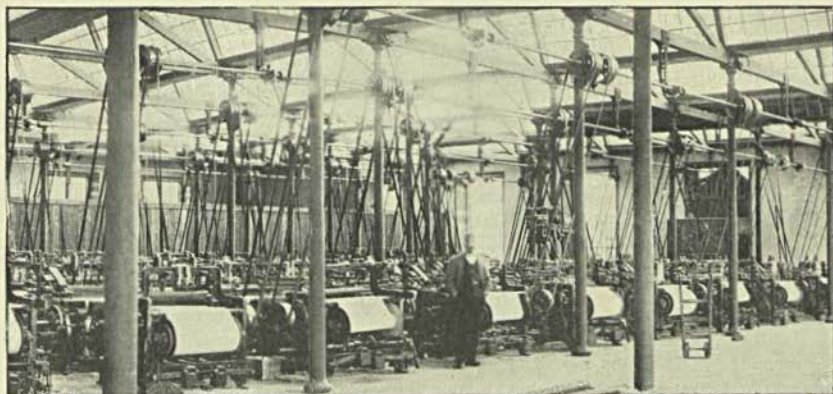
Os edificios da fabrica ficam mesmo á beira do rio, junto d'uma importante queda de agua, que pode ser vantajosamente empregada pela Companhia, como força, para pôr em movimento o grande numero de machinas de fição, tecelagem, branqueamento, etc., que se acham espalhadas pelos diferentes corpos do edificio, em vastas e arejadas installações obedecendo a todos os preceitos hygienicos, pelo modo como estão construidas.

A força motora de que actualmente se utiliza a Companhia é de 300 cavallos-vapor, fornecidos por uma excellente machina Corliss.

Entre homens, mulheres e menores, o numero de operarios que trabalham na fabrica é superior a 300.

Os seus productos de fição, tecedura, tecelagem, branqueação e tinturaria de algodão, tem figurado em todas as exposições industriaes, que ultimamente se tem realisado em Portugal e não tem sido offuscados pelos productos do mesmo genero, que n'ellas foram expostos.

A produção importantissima d'esta fabrica, é quasi na sua totalidade enviada para a Africa Occidental, onde os consumidores tem evidente preferencia pelos productos que a Companhia do Rio Ave para lá exporta.



Companhia do Rio Arce — Parte das oficinas de tecelagem

Chronica d'outros tempos

AS TOIRADAS

IV

Até a Edade Média, os combates taurinos não obedeceram a leis artísticas. Lanceavam-se, simplesmente, os toiros, o que não admittia regras que constituíssem uma arte. Os lidadores entregavam-se ao menos intelligente dos deuses — o Acaso. Limitavam-se a dar prompta morte aos animais, e a essa desenvoltura, muito generalizada, deveram a vida as filhas de Philippe III, que, assaltadas por uma vacca bravia nas ruas de Madrid, foram salvas, graças á intervenção d'alguns fidalgos que a mataram ás estocadas.

No seculo XVI principiou a usar-se a sorte de quebrar rojões (identica á dos nossos cavalleiros na sorte das farpas), o que já implicava alguma coisa de artistico, porque demandava destreza no manejo do ginete, boa mão de re-dea e seguro golpe de vista.

No tempo de Philippe IV combatia-se com rojão, a cavallo, e, logo que o cavalleiro soffria desaire, corria-lhe a stricta obrigação de se aprear, combater com a espada e matar o corrupto. Quevedo conta que Don Manrique de Lara repetiu a proeza de Pepino, o Breve, decepcionado, com o vigor athletico de um belluario, e com um só golpe, a cabeça de um toiro.

*Co'um golpe de catana abria um toiro
E co'o resto do golpe a sepultura...*

A marquez de Villars diz que no seculo XVIII continuava a praticar-se a desafronta que viemos de indicar (1). Os moiros seguiam equal processo, e apenas se apeavam quando eram desfeiteados.

O mesmo se praticou em Portugal. A *Arte de Cavallaria* de Antonio Galvão de Andrade, publicada em 1667, diz que, no toireio a cavallo, se devia levar da espada por cahir o chapéo, o lenço, a espora, a fita d'ella ou outra qualquer, por se romper o borgezim ou vestido, e por ferir o cavallo; assim como pelo toiro fazer sahir o pé da estribeira ou pôr a deanteira do cavallo no chão, rasgar o arreiço ou tirar-lhe peça, e quando o toiro levasse da mão o garrocho inteiro (2). Durante o seculo XVIII observaram-se as praxes estabelecidas, e, se o cavalleiro ou rojoneador perdia chapéo, luva, estribeira, xairol ou o rojão, infringia algum preceito da arte, deixava que o toiro beijasse o ca-

vallo ou ferisse o toireiro que lhe prestara auxilio. Cumpria-lhe desmontar-se immediatamente, desembainhar a espada e buscar a desafronta. Um insulso portador de lyra enumerava, no seu poema *Os Toiros* (3), o que elle chamava «os mandamentos da arte de torear»:

*Hum dos preceitos d'Arte, Arte d'asneira,
Exhorta ao Contendor: Se no combate
Perder chairel, rojão, ou a estribeira,
Corra ao boi descortez, á espada o mate.*

*Outro preceito impõem: Se o combatente
Perder cilha, chapéo, perder cavallo,
Posto a pé, diga a espada: então valente
Chame o Toiro incuri, vá castigallo.*

Um theorista do tempo de D. João V rectifica estes principios preceptivos, dizendo:

— «A segunda (regra), que é totalmente nova, consiste em que todas as vezes que lhe cahir o xairol ou se desprejar de alguma parte ou lhe cahir das crinas do cavallo algum laço de fita, ou lhe succeder outra coisa semelhante, em que o toiro não teve culpa, mace os ossos aos criados e não tem que ir á espada ao toiro, que n'isto está innocente.» Mas sempre ia acrescentando que, se o cavallo fugisse do toiro, fôsse ferido ou morto, o cavalleiro «não teria mais remedio que pôr pé em terra, metter mão aos arames, e ir-se ao toiro, cara a cara, e não ao modo de quem vae ao gallo» (4).

Embora o toireio a pé fôsse deshonroso e prestasse flanco aos commentos amargos da critica superciliosa (quando o não prestava aos dicterios espirituosamente scathologicos dos palanques), por ser o castigo imposto ao cavalleiro que se deixava desfeitear pelo toiro, nem por isso o lidador de cavallo podia ignorar esse genero de lide. Quando, já no corrente seculo, o novo estylo obrigou a trocar o rojão pela farpa, persistiu a velha usança. E o cavalleiro offendido tinha o dever impreterível de pegar nas bandarilhas e fazer a sorte a pé.

Todavia, os novissimos costumes tauromachicos não tem semelhante nota no seu teclado. Os toireadores de hoje em dia, pouco amarellados das formulas classicas, desusaram este desaggravo.

PINTO DE CARVALHO (Tnop).

(1) *Letres de Madame de Villars.*

(2) *Arte de Cavallaria de Ginete e Estardota, bom primor de ferir e alveitaria.* Pag. 263.

(3) *Os Toiros*, poema heroico-comico por Antonio Joaquim de Carvalho.

(4) Bibliotheca da Academia Real das Sciencias de Lisboa. *Papeis Varios*, vol. 66. *Arte de Tórear*, Dedicada a *Opô's do Terreiro do Paço.*

Bibliographia

Os "Luso-Arabes,,

UM romance historico, que consta de dois volumes elegantes, foi escripto pelo Snr. Oliveira Parreira e publicado recentemente pela parceria Antonio Maria Pereira.

O titulo é suggestivo e a sua definição detalhada ao correr das 700 paginas, que abrange a obra, torna evidente ao leitor o merecimento realissimo do Snr. Parreira.

Revive ahi a epoca famosa em que a nossa peninsula era theatro de luctas entre os adoradores do propheta da Arabia e os defensores da bandeira da Cruz, que Pelagio havia empunhado nas serranias asturianas.

Assiste-se na verdadeira plenitude do facto a todas as scenas da vida intima e official d'aquelles tempos idos, discernindo com a maxima facilidade a parte historica do que é producto da phantasia do auctor.

As ultimas paginas do 2.º volume encerram notas preciosas para os estudiosos, aos quaes são ainda auxiliar magnifico para poderem levar mais longe as suas investigações na consulta de obras alheias citadas.

O Snr. Oliveira Parreira foi feliz na escolha do assumpto, sempre interessante de novidade, embora topemos a cada passo com reminiscencias do periodo luso-arabico.

Os factos historicos propriamente ditos são expostos com tal clareza e auctoridade consciente, que o leitor chega por vezes a suppôr-se em presenca e cooparticipação activa do que ali vem narrado nos pormenores typicos.

A par de tudo isto a obra do Snr. Parreira é tambem uma escola de escripta classica e de linguagem vernacula.

Instrue e deleita, captiva e arrebatada.

Quizera que os nossos homens de letras fizessem assim: os povos carecem de boas leituras, como de alimento sadio.

Alliar a verdade historica com as bellezas empolgantes d'um estylo primoroso no que é meramente imaginativo representa deveras o melhor empenho do esforço intellectual do ser humano e influe directa e poderosamente para o progresso moral na civilização das gentes.

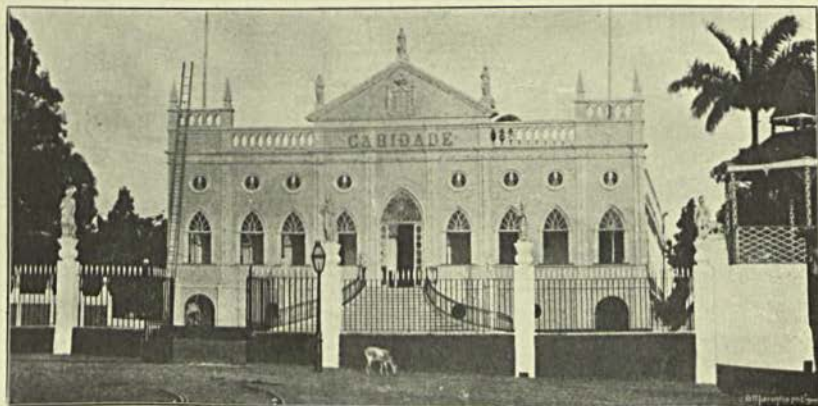
No trabalho lucido, a que me estou reportando, levanta-se na pessoa do auctor a figura veneranda de um apostolo na causa da instrucção popular.

Revela-se incontestavelmente de valor não vulgar não só pela erudição, que é vastissima, mas principalmente pelo intento generoso e evangelico de ensinar, que se lhe adivinha.

Não sei qual é a posição social do Snr. Oliveira Parreira, individuo que não tenho o gosto de conhecer; affirmo porém terminantemente que ao concluir a leitura de *Os Luso-arabes*, disse a sós com a minha consciencia que o auctor além de escriptor distincto não pode por igual forma deixar de ser um benemerito respeitavel.

Recommendo a obra aos leitores que apreciam todos os modelos de sã litteratura, cumpro apenas um dever de justiça envolto aliás na minha propria homenagem de consideração a quem a escreveu.

D. FRANCISCO DE NORONHA.



MARANHÃO — Hospital Portuguez

Visconde de Avellar



FICAM bem n'estas paginas os nomes de todos aquelles que o trabalho elevou ás proeminencias sociaes nos diversos ramos da actividade humana. É um d'esses nomes o de Antonio Gomes de Avellar, visconde de Avellar.

Portuguez de origem, pois nasceu em S. Martinho do Porto, é um d'aquelles benemeritos que longe da patria lhe dedicam todos os desvellos do coração, procurando nos proprios actos ennobrecer a e honral a.

O visconde de Avellar tem residido no Rio de Janeiro desde os 11 annos. Conta hoje 44 e n'este periodo, relativamente longo, não se passa um dia em que pelo esforço pessoal, pela forte iniciativa, pela applicação do valor, pela correção do porte, e pela superioridade do caracter, não conquiste para o seu nome novos creditos, que todos redundam em vantagens e glorias para a sua terra.

São d'esta natureza e d'este nivel moral os homens verdadeiramente uteis e prestimosos do nosso tempo, que ás palavras preferem a acção e assignalam a sua passagem por actos de altruismo e de benemerencia. É nos que por esta forma se elevam, impondo-se ao conceito e á estima dos seus concidadãos, ficam bem os titulos nobiliarchicos, porque são n'este caso o merecido premio do valor, assentam dignamente todas as mercês e recompensas, porque fazem realçar o civismo ou antes o patriotismo, n'uma das suas fórmias mais sympathicas e mais proficuas.

Assim vemos o visconde de Avellar, filho de um honrado capitão de navios, collocar sempre acima de todos os interesses e de todos os principios aquelles em que o paé o educára, e que eram os de uma sã moral baseada na dignidade pessoal, na honra inquebrantavel.

Vemol o dentro em pouco, ali, na cidade por excellencia do trabalho, ganhar ao mesmo tempo fortuna e prestigio, e com tão elevado criterio e intransigente patriotismo dispôr d'estes dois elementos, que são os seus proprios compatrioticos que na capital do Brasil o cercam de distincções e o escolhem para os mais altos logares de que dispõem as benemeritas instituições portuguezas n'aquella cidade.

Vemol o presidente da Sociedade de Beneficencia Portugueza, e ahí estão os relatorios d'essa instituição unica a attestar os serviços valiosos e grandes do visconde de Avellar. Vemol o prestar outros serviços assignalados na Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo, na Candelaria, de que foi secretario, na Grande Subscrição Nacional, onde exerceu o logar de 2.º presidente, e não menos importantes e valiosos são os que d'elle espeza o Gabinete Portuguez de Leitura, para cuja presidencia acaba de ser eleito.

Para homens como o visconde de Avellar é de gratidão a divida que Portugal contrahe, e o *Brasil-Portugal* acompanhando com estas palavras o retrato d'este illustre portuguez, sente o maior jubilo em render-lhe uma publica homenagem.

THEATROS



LUCINDA DO CARMO

No theatro da *Trindade*, que vai fechar por um mês as suas portas, — de 15 de agosto a 15 de setembro, — tivemos uma cor-dealissima festa, qual foi a récita de congratulação, e como que de pequenina apothose, feita a Cyriaco de Cardoso, a propósito da bicentessima representação da revista, *All... d'prela!* E nós nada acrescentaremos hoje ácerca d'esta homenagem, de que nos limitamos a frisar a justiça, visto como ainda n'um dos ultimos numeros procurámos, ao sympathetic e talentoso *maestro*, esboçar em breves linhas o perfil.

Passando, pois, pelo *Gymnasio*, que um salutar repouso adormece; deixando *S. Carlos* e o *D. Amalia*, igualmente fechados, emquanto por aprazíveis *villégiaturas* flanam os seus frequentadores habituaes; desçamos á *Avenida* e ahi encontraremos mantendo-se no cartaz da *Rua dos Contes* o *arreglo* que dá pelo nome de *Sacristão de Santo Eustachio*. *Arreglo* pouco feliz, quer-nos parecer, a começar logo no titulo; pois deveria ser *Eustaquio*, por isso que, desde que ha lingua portugueza definida, o *ch* teve sempre o valor de *xe*.

Em summa, falta de cuidado manifesta, e um demasiado e indomável enfeudamento ao francez, — symptomta de servidão mental aliás relevavel em quem, como o sr. Rafael Ferreira, com tão rara e apreciavel modestia se apresenta. De resto, nem esta peça merecia grandes meticulosidades na traducção, nem os primores de desempenho que com ella prodigalisa aquella *gaminerie* perennal de Lucinda do Carmo. O *Sacristão de Santo Eustaquio* é um *vaudiville*; mas ponderado, boa pessoa, academico, incapaz de induzir alguém em peccado, ou de merecer a fulminação litteraria de Marmontel.

E acode-nos ao bico da penna este nome, pelo seguinte. — Sabem d'onde vem a origem do *vaudiville*? Ella remonta seguramente bem a duzentos annos. Estava-se então em pleno regimen theatral dos *autos*, essas delicadas e ingenuas composições, tão cheias de ironia e graça, em que sob a forma apologetica se consentia a maxima liberdade de opinião e expressão, e desenfastiada e alegremente se fazia a critica dos homens e das coisas.

Foi pelos *autos* e *zaldos* que o genio de Gil Vicente stereotypou a sociedade do seu tempo, e era por meio d'elles que analogamente, em toda a Europa culta, se atacavam as instituições officialmente consagradas. Como quer porém que, com o enfranquecimento do poder feudal, a auctoridade real se robustecesse, aquelles ataques sinceros e francos ao poder, — muitas vezes exhibidos, no proprio Paço real, perante a córte e os aulicos, horrorisados, — começaram a desagradar, eram evidentemente uma contravenção á nova ordem de ideas estabelecida, tiveram que ser prohibidos. D'ahi em diante o poeta dramatico, se queria ser tolerado e não morrer de fome, havia de entretecer as suas composições todas em nebulosas e insulsas coisas, sem alcance nem caracter, verdadeiros jogos infantis do espirito, em que a autocracia dominante não soffresse a mais innocente beliscadura, nem ao de leve aforasse qualquer patente estimulo de revolta.

O resultado negativo e deprimido d'esta errada orientação não se fez esperar. Os magnates, a córte, os proprios reis, começaram a aborrecer-se. Desde então os *autos*, como já não feriam nenhuma corda

humana, deixaram de os interessar, convertêram-se n'uma verdadeira estofada. E, é de saber, o descredito, as iras jorraram logo todas sobre os pobres auctores. Fréron foi destituído e despedido do paço, por falta de talento, quando a verdadeira falta residia nas multiplicas restricções e peias em que estupidamente elle sentia a cada passo enrodilhada a phantasia.

Ora aconteceu que então um rei de França, — não nos lembra agora qual, — não podendo mais aturar aquella sensaboria de representações convencionaes, quasi sempre disfarçadas e reduzidas a lóas ao Divino, mandou ao diabo de vêz as representações no Paço, com aquella semcerimonia que caracterizou sempre o despotismo, ordenando ao mesmo tempo que os poetas dramaticos se inspirassem em assumptos populares, exclusivamente populares, (as classes privilegiadas continuariam intangíveis á troça), e das suas produções fizessem exhibição em tabladros *erguidos em terreiro, para logradouros de toda a gente*.

Esta innovação foi fecunda em resultados. A phantasia dos dramaturgos refrescou, indo buscar ás lidimas fontes populares os seus melhores effeitos de grotesco. Extractaram-se usos, costumes, superstições, copiaram-se trovas e cantares, retratou-se algo da vida em flagrante. E o exito foi doido. O proprio monarcha, estimulado e contente, ia bastas vezes, incognito, assistir aos espectaculos.

E foi esta a origem do *vaudiville* que, não obstante os seus modestos principios, as suas timidas e ingenuas investidas, — tão longe ainda, meu Deus! do esbagnamento corrente nos ultimos annos, — mereceu ao sisudo academico Marmontel, no seu *Dictionnaire de la litterature*, pagina e meia de indignada censura.

Pois pena foi que, para evitar esse descredito primordial ao *vaudiville*, n'aquelle tempo não tivesse apparecido o *Sacristão de Santo Eustaquio*? Se é que em tão remotas eras já nas letras havia sacristões... Então, sim! tinham-n'a dado em cheio Exhibido aqui ha dois seculos atraz, lograria o referido *Sacristão* plenario agrado... de academicos e tudo.

ABEL BOTELHO.

Galeria Internacional

TYPOS DE BELLEZA



Uma chilena (Santiago-Valparaiso)



BRASIL—PORTUGAL

Impressão na Typo. da Comp. Nacional Editora
Largo do Conde Barão, 50

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Editor — LUÍS ANTONIO SANCHES
Redac. e admínistr. — R. FERREI, 51 — LISBOA

ASSIGNATURAS

| ESTADOS UNIDOS DO BRASIL. | | PORTUGAL. | | ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO | |
|---------------------------|--------|--------------------|--------|-----------------------------|--------|
| Anno..... | 4\$000 | Anno..... | 2\$000 | Anno..... | 3\$000 |
| 6 mezes..... | 2\$500 | 6 mezes..... | 1\$500 | 6 mezes..... | 2\$500 |
| 3 mezes..... | 1\$500 | 3 mezes..... | 800 | 3 mezes..... | 1\$500 |
| Numero avulso..... | 300 | Numero avulso..... | 200 | Numero avulso..... | 300 |

SUMMARY

Chronica Electrica — BRASIL-PORTUGAL.
O Bispo do Porto.
Castiça — Mônica de OUGAR da SILVA, verso de LOPES VIEIRA.
Orientais — verso de DOMINGOS MAGALHÃES.
O teatro moderno dos acadeimicos — FERNANDES BRANCO.
Homagem ao conselheiro Elyrio de Brito.
A velhinha — OLAVO NUNES, illustração de CELSO HENRI.
III. Companhia do Rio X.
Chronica d'outros tempos — As touradas — PINTO DE CARVALHO.
Yalep.
Hillographia — Os Lusó-Arabes — D. FRANCISCO DE NOBREGA.
O visconde d'Avellar.
Theatros — ANAEL BORGES.

Páginas supplementares

On que chegam.
Sciencia facil — ORAVAL.
Recetas.

31 ILLUSTRAÇÕES

Os que chegam

De varios portos do Brazil chegaram:

Pelo «Cordillière»

Antonio da Rocha Passos, importante fazendeiro brasileiro, que vem do Rio de Janeiro, e se dirige para o Porto, onde se demora o tempo necessario para tratar dos seus importantes negocios. E' um dos mais prestimosos socios de diversas agremiações brasileiras.

Damião Duarte Lopes, natural do Porto, para onde se dirige, e considerado negociante do Rio de Janeiro, d'onde vem.

Mannel João Vieira de Couto, comerciante no Rio de Janeiro. Viaja com 3 senhoras de sua familia e dirige-se para o Porto d'onde é natural.

Antonio Corrêa e Azevedo, abastado proprietario. Vem do Rio de Janeiro e tenciona visitar varias cidades da Europa.

Conselheiro João Tavares da Silva, um illustre portuguez que conta muitas sympathias no Brasil, e que regressa do Rio a Lisboa, onde fixou residencia.

Conde de Alto Mourão, portuguez dos mais illustres, cujo nome é respeitadissimo tanto no Brasil como em Portugal, e que em ambos os paizes tem prestado relevantissimos serviços.

João dos Santos Monteiro, estimado e considerado guarda-livros d'uma importantissima casa commercial de Pernambuco, d'onde chega, dirigindo-se para o Porto, sua terra natal, que vem visitar depois d'uma ausencia de 6 annos.

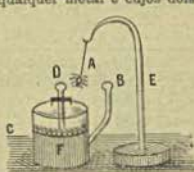
Arthur da Costa Soares, membro de muitas academias e sociedades brasileiras, negociante considerado. Vem do Rio de Janeiro e dirige-se para o norte de Portugal.

João Luiz Ferreira Fontes, importante capitalista brasileiro. Viaja com duas senhoras de familia e dirige-se para Braga, onde se demora.

Oscar Leni, notavel escriptor brasileiro, muito conhecido e apreciado. Vem do Rio de Janeiro e dirige-se para Cabo Verde.

SCIENCIA FACIL

A ARANHA ELECTRICA. — Um frasco cujo bocal seja bastante largo (C) cheio de folhas de qualquer metal e cujos dois terços inferiores são cobertos por uma folha de estanho (F) é a parte principal do aparelho. Este frasco é tapado por uma rolha atravessada por uma haste de cobre (D) terminada por uma



pequena espherita de soldada uma outra haste de cobre (B) terminada por uma outra espherita do mesmo metal. As duas espheritas devem ficar no mesmo plano e a uma distancia de 10 centimetros uma da outra.

Aranha-se uma aranha (A) cujo corpo seja feito de medulla de sabugueiro e as pernas de fio de latão enrolado em espiral. Suspende-se esta aranha por meio de um fio de seda a um suporte qualquer (E).

Carrega-se em seguida a garrafa e colloca-se a aranha entre as duas espheritas. A aranha será atrahida por uma das espheritas, depois repellida e em seguida vai tocar na outra espherita e assim successivamente, durante uns poucos dias até se exgotar o fundo da garrafa.

SERPENTES DE PHARAO. — Todos sabem o que são estas serpentes. A maneira como se fabricam também é simplissima:

N'uma solução diluida de nitrato acido de mercurio deita-se uma porção de sulfio cyaneto de potassio. Obtem-se assim um precipitado branco que se deixa secar, junta-se-lhe em seguida gomma arabica derretida para o tornar consistente e molda-se em pequenos cylindros.

A serpente assim fabricada não é luminosa, mas torna-se luminosa juntando-lhe na occasião do fabrico uma pequena porção de oxydo de chromio.

ORAVAL.

RECETAS

Cosinha portugueza e brasileira. — Pato com fatias.

Depois do pato assado e feito em pedaços assenta-se sobre um prato ou frigideira em cima de fatias e logo se lhe deita por cima duas colheres de caldo gordo, cobre-se o prato com um quarto de queijo misturado de salsa picada e molha-se com outra colher de caldo. Feito isto, põe-se a abelhar sobre brasas, e deixa-se enxugar.

Massapão de coco.

Um coco ralado, meio kilo de farinha de trigo, seis ovos, (sendo só dois com clara), uma colher d'agua de fô-

res de laranja Bata-se tudo e depois junta-se 900 grammas de assucar em ponto de pasta, mechendo-se á proporção que se adiciona a calda, ajunte-se depois umas 100 grammas de manja e uma colher de banha e leve-se ao forno bem quente em formazinhas untadas de manteiga.

Pasteis de leite.

Desfaçam-se juntamente 750 grammas de farinha, 350 de assucar, 250 de manteiga bem sal, um litro de leite, tres ovos e a casca de um limão. Bata-se tudo com uma espátula de madeira, cosinhe-se em formas pequenas bem untadas de manteiga.

DIVERSAS:

Para tirar as nodos de gordura do velludo.

Faça-se uma mistura de tres partes de pó de grés e uma parte de carbonato de soda.

Deite-se-lhe um pouco d'agua e colloque-se uma porção de mistura sobre a nodos. Dahi a seis ou oito horas a nodos desapareceu completamente.

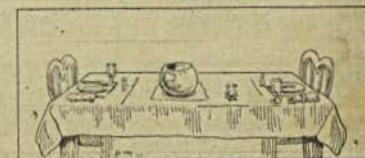
A lua de mel



1.º mez



2.º mez



3.º mez



Garantia da Amazonia

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

DIRECTORIA

João Gualberto da Costa e Cunha

PRESIDENTE

M. S. Cruz Junior, secretario

Dr. Firmo Braga, medico

Dez.ºor Ernesto A. V. Chaves, advogado
consultor

João Ventura Ferreira, thesoureiro interino

Joaquim Antonio de Amorim, gerente

José Simão da Costa, actuário

PARÁ, BRAZIL

ESTADO FINANCEIRO EM 1.º DE JANEIRO DE 1899

| | | |
|----------------------------|-----|-----------------|
| Seguros propostos | Rs. | 45.812:000\$000 |
| Seguros em vigor | » | 37.402:000\$000 |
| Renda | » | 3.079:985\$718 |
| Reservas de reseguro | » | 1.275:176\$349 |
| Sinistros pagos | » | 319:539\$870 |
| Sobras | » | 245:511\$969 |
| Apolices emittidas | » | 2\$149 |

Esta poderosa Sociedade em seu primeiro periodo social, recebeu maior numero de propostas, effectou maior somma de negocios, emittiu maior quantidade de apolices, realisou maior receita, separou maior reserva, levou a conta de seus segurados maior verba de sobras, ao passo que, relativamente, dispendeu menos com a sua administração, e teve menos sinistros do que qualquer companhia congenere do mundo, no mesmo espaço de tempo, em relação aos negocios realizados.

A GARANTIA DA AMAZONIA é hoje a primeira companhia de seguros de vida da America do Sul

Banco Norte do Brasil

Endereço telegraphico "NORTE ZUL" PARÁ—Telephone n.º 233

Capital realizado Réis 3.000:000\$000

Fundo de reserva Rs. 349:400\$550

Pará—R. 15 de Novembro, n.º 59

CORRESPONDENTES

| NO PAIZ | NO ESTRANGEIRO |
|----------------|----------------|
| Rio de Janeiro | Londres |
| Bahia | Paris |
| Pernambuco | Lisboa |
| Ceará | Porto |
| Maranhão | Genova |
| Manáos | New-York |

Emite cartas de credito, e sacca sobre as praças acima e tambem sacca sobre Hamburgo e todas as cidades e villas importantes de Portugal, Hespanha e Italia.

Encarrega-se de cobrança de letras e remessa do producto, assim como faz todos os mais negocios bancarios.



Fabrica
Amazonia

Casa Importadora

PARÁ

R. 13 de Maio, 49

Ferreira Pinto & C.ª

GRANDE DEPOSITO

De cachaça, alcool, cognacs, refrigerantes, cidra, generas, vinhos de cajú, genipapo, e hesperidina nacionaes.

Vinhos

De todas as procedencias—qualidades garantidas. Collares especial—importação directa.

Estabelecimento

De confiança—Preços sem competencia.

Caixa postal N.º 349

Ender. teleg. FERPIN

Caixa Postal
290

UNIÃO PARAENSE

Ender. teleg.
UNIÃO

Companhia de Seguros de Vida

Séde: Pará — BRASIL — T. da Industria, 13

DIRECTORIA

Presidente — Bernardo Ferreira de Oliveira
Vice-presidente — José Marques Braga

Secretario — Constantino Quadros de Carvalho

Thesoureiro — Manuel Elpidio d'Andrade
Medico — Dr. Luciano Castro

Gerente
Francisco Coutinho Junior

Advogado
Dr. Filippe José de Lima

Empresa Nacional de Navegação

Carruza quinzenal para a Costa d'África Occidental

Sahidas a 6 e 21 de cada mez, tocando nos seguintes portos:
Madeira, S. Vicente, S. Thiago, Principe, S. Thomé, Cabinda, Santo Antonio do Zaire, Ambrizette, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguela, Mossamedes, Porto Alexandre e Bahía dos Tigres.
N. B. — Os pagotes que sahem a 6 não fazem escala por Santo Antonio do Zaire, Ambrizette, Bahía dos Tigres e Porto Alexandre, e os do dia 21 por Madeira, S. Vicente e Principe.

Rua da Prata, S. 1.º

ESTABELECIMENTO

DE



LISBOA

Ferragens, Quinquilharias
BIJOUTERIAS
Perfumarias finas

Fendas e bordados

Artigos de retrozeiro

BONITO SORIMENTO

Objectos para brindes

Preço fixo

Vendas por atacado e a retalho

Consultorio medico-homeopatico
Do Dr. Cesario d'Abreu
RUA AUGUSTA, 224, 226, 228
LISBOA

Consulta medico-cirurgica e partos — 12 ás 3 h. e ás 10 n., dr. Arthur Braga.
Consulta medica, 3 ás 6 h. da t., dr. Cesario d'Abreu.
Consulta gratuita a qualquer hora

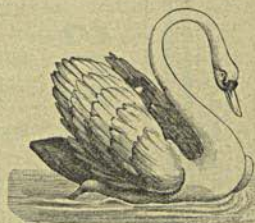
Francisco d'Oliveira SUCCESSOR
Antigamente: Moreira Bastos & Fonseca

Sapataria Luso-Brazileira

Calçado de luxo para exportação
Fabrico exclusivamente "Manual".

93, RUA DO OURO — LISBOA

CAMISARIA CYSNE



CAMISARIA CYSNE



MARCA REGISTRADA

Premiada nas exposições
de Paris de 1889
e de Lisboa de 1893



Fabrica a Vapor

Pedidos ou informações a

De camisas, cerasulas, punhos, collarinhos, etc. — Executam-se encomendas por medida — Preços excepcionalmente para exportação para a Africa e Brasil.

GRAÇA DUQUE & C.º

Lisboa — 166, Rua Augusta, 168 — Lisboa

Soares Irmão & C.º

| | | |
|-----------------------|---------------------------------------|--------------------|
| MATRIZ | Importação directa de todas as praças | FILIAL |
| Casa Havanaza | Caixa postal n.º 42 | O Fabeiro Elegante |
| Rua da Installação, 7 | Endr. teleg. HAVANEZA | Rua Municipal, 26 |
| Vendas por grosso | MANAOS | Vendas a Varejo |

Permanente deposito de charutos, cigarros e fumos de todas as procedencias.

Piteiras, bolsas para fumo, e outros artigos para fumantes. Miudezas.

Completo sortido em artigos para homens e em objectos para viagem. Especialistas em roupa branca portugueza. Perfumarias.

RESTAURANT AMERICANO

P. C. DE VASCONCELLOS

T. de S. Matheus, 24 — PARA'

Serviço de primeira ordem. Accommodações luxuosas para viajantes. Aceito extremo. Iluminação electrica.

TODOS OS CONFORTOS

Flôres de Portugal

Perfume da moda, de L. T. Piver

de PARIS

SAVON DELICIEUX

Finissimo sabonete indispensavel nas toilettes das damas. A' venda nos principaes estabelecimentos de Lisboa e provincia.
Unicos depositarios em Portugal Marques & Duarte, rua dos Retozellos, 72 e 74.



Manuel Caniceiro da Costa

CARPINTERIA E SERRARIA A VAPOR

O mais antigo estabelecimento do norte do Brasil

Foi fundado em 1870

Promptidão, rapidez e modicidade de preços

Grande Deposito De materias para construcção civil e naval

Rua da Industria, 124 — PARA

Endereço telegraphico — CANICEIRO

Caixa postal — N.º 83



LUVARIA GATOS

268. RUA AUREA, 270
Lisboa

GATOS

LUVAS E GRAVATAS

PREÇOS BARATÍSSIMOS

Remette-se catalogo e collecção

A quem requisitar

Marcas registadas:
Gatos-Peixes



Bilhares de precisão

COM A CELEBRE TABELLA AMERICANA

MONARCH

Fannos, Tacos, Bollis e todos os accessorios.

Jogos Diversos de Novidade — Cartas, Tentos e Fichas para todos os jogos

Viuva de José Alexandre de Senna

38, Rua Nova do Almada, 38

CASA FUNDADA EM 1834

LISBOA

Peçam o catalogo illustrado



Licor de café Beirão

Approvado pela illustrada Inspectoria de hygiene do Rio de Janeiro e Estado do Pará

Celebre remedio contra sezões

Sempre certo!!! Sempre efficaz!!!

O CAFÉ BEIRÃO, ao que se sabe, começou a fazer a sua reputação sósnho, em silencio, sem arruido, até que com os seus proprios merecimentos tendo adquirido uma grande reputação, a sua fama fez echo na imprensa, porque as pessoas curadas quizeram fazer publico o seu reconhecimento, pois a saúde é o melhor dos bens que o céo nos pode conceder.

O CAFÉ BEIRÃO cura as febres graves agudas, febres paustres, typhos, febre biliosa, cerebral, febres chronicas, endemias e contagiosas, febre lenta, nervosa, febre depois do parto ou puerperal, febre proveniente de golpes, queimaduras do sol ou do fogo, de bezigas, sarampo, etc., etc.

O CAFÉ BEIRÃO VERDADEIRO cura as febres intermitentes, maleitas ou sezões, tão radicalmente, com tal promptidão e sem recachidas, que hoje a sua fama de SANTO REMEDIO BEIRÃO é universal.

DEPOSITO

Drogaria Beirão

DE

Carvalho, Leite & C.ª

103 — Rua do Conselheiro João Alfredo — 103

PARÁ

CAMBIO, LOTERIAS

E
PAPEIS
DE
CREDITO



Rua do

Arsenal

44 e 46

Esquina do Pelourinho

LISBOA

Antonio J. P. Sampaio

Fornecedor da Casa Real

BILHARES ARTISTICOS

Guarnecidos com a celebre tabella SOUVERAINE e todos os accessorios da casa St. Martin, de Paris.

A primeira casa d'este genero em Portugal.

PIANOS

O maior sortimento de Lisboa.

Pianos de 4 a 90 libras.

Largo da Graça, 114, 115 e 115-A

OFFICINAS

TRAVESSA DO MONTE

A Restauração

DE

Deposito de fogos para saño, Fariña, vinhos finos e communs



Gonçalves & C.ª

MERCEARIA BOTEQUIM E FUMOS:

Casa especialista em bebidas e conservas estrangeiras: importação directa: Comissões e consignações: Caixa postal, 190.

Instalação, 8 — Manaos

ANTA vendida para vaporar e para o interior do Estado.